



Sessão 50 | 16-dezembro-2025 | ALL THAT JAZZ: O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR (1979)



Bob Fosse foi, indubitavelmente, um dos últimos grandes homens do espectáculo norte-americano, quer como bailarino, coreógrafo, encenador de teatro ou realizador de cinema. Autor de "musicais" que todos recordamos, como "Sweet Charity", "Cabaret" ou "All That Jazz", teve o condão de inovar num género que, dir-se-ia, não se adequar muito bem aos novos temas dramáticos por si propostos (a prostituição, o nazismo e a morte, respectivamente).

Curiosamente, pode dizer-se que Bob Fosse fez da vida e do seu destino, por vezes trágico, espectáculos musicais, cheios de som e de luz, de alegria e de esperança. Fez, por exemplo, da sua própria vida e da sua própria "morte anunciada" um espectáculo fabuloso em "All That Jazz". Por outro lado, abordou o mundo feérico do espectáculo sob uma aparência dramática nos seus dois únicos filmes não totalmente musicais ("Lenny" e "Star 80"). De todas as formas, o espectáculo, no palco e no écran, esteve presente em todos os momentos da sua existência, literalmente consagrada, devotada, ou melhor ainda, doada ao "show business".

Nascido em Nova Iorque, a 23 de Junho de 1926, viria a falecer em Washington, a 23 de Setembro de 1987. Filho de um actor de variedades, desde muito novo acompanhou o pai em "tourneés". Em 1945, junta-se a uma dançarina e monta com ela um espectáculo que dará a volta aos EUA. Em 1949, estreia-se na Broadway na revista "Dance Me a Song" e casa pela primeira vez com Joan McCracken, mais uma bailarina. No cinema, aparece em três "musicais" da MGM, "Give a Girl a Break", de Stanley Donen (1953), "The Affairs of Dobie Gillis", de Don Weis (1953) e "Kiss Me Kate", de George Sidney (1953). Depois, coreografa e interpreta "My Sister Eileen", de Richard Quine (1955) para a Columbia e "The Pajama Game", de Stanley Donen (1957) e "Damn Yankees", de George Abbott e Stanley Donen (1958), ambos para a Warner. Gwen Verdon, a protagonista desta comédia musical, será a sua terceira mulher.

Entretanto, entre 1953 e 1986, Bob Fosse vai cimentando o seu êxito na Broadway, com sucessivos musicais que atingem números de representações raros, entre as mil e as duas mil sessões: "Bells are Ringing", "New Girl in Town", "Redhead", "Pal Joey", "How to Succeed in Business Without Really Trying", "Little Me", "I've Got Your Number", "Sweet Charity", "Pippin", "Chicago", "Dancin" ou "Big Deal". Estes e outros títulos valeram a Bob Fosse vários Emmys e Tonys, prémios que são o equivalente aos Oscars para o teatro e a televisão.

A partir de 1969, Bob Fosse passa à realização cinematográfica, assinando somente cinco títulos que denunciam, todavia, de forma clara o seu enorme talento: "Sweet Charity" (1969), "Cabaret" (1972), "Lenny" (1974), "All That Jazz" (1979) e "Star 80" (1983). Em 1974, colabora duplamente num filme de Stanley Donen, "The Little Prince", obra totalmente falhada onde apenas se salvam uma curta aparição de Bob Fosse como "serpente" e alguns "números" por si coreografados. "Cabaret" deu ao seu autor um Oscar, "Lenny" uma nomeação, "All That Jazz" nove nomeações e quatro estatuetas douradas.

Nos derradeiros anos da sua vida, que ele de certa forma prefigurou em "All That Jazz", teve diversos ataques cardíacos que, no entanto, não o impediam de continuar a encenar teatro, dirigir televisão e aparecer mesmo,

pessoalmente, num ou noutro apontamento. Morreu, tal como o personagem interpretado por Roy Scheider, de ataque cardíaco, quando ultimava os ensaios de um novo espectáculo de teatro e organizava a montagem de um "show" televisivo. Na vida, como no palco ou no écran, Bob Fosse foi até ao sacrifício final de uma coerência e fidelidade totais.

Um homem que vive intensamente o dia-a-dia, que se desdobra recriando espectáculos (no teatro, no cinema, na televisão), descobre que tem a morte próxima e faz desta evidência o seu último espectáculo. "All That Jazz" é um filme com muito de autobiográfico da parte do seu autor, Bob Fosse, que para interpretar o principal papel deste "musical da crueldade" vai buscar um actor que se lhe assemelha fisicamente, o extraordinário Roy Scheider, retocando-o no necessário para que as parecenças sejam ainda maiores.

No ano de 1972, Bob Fosse consegue um feito dificilmente repetível: com "Cabaret" ganha o Oscar para a melhor realização cinematográfica; com o musical "Pippin" alcança dois Tony, e com o espectáculo televisivo "Liza With a Z" consegue um Emy. Os três prémios máximos do ano, nas respectivas categorias, para o mesmo criador. Uma actividade febril, publicamente recompensada, é certo, mas que colocou o autor à beira da morte: várias crises cardíacas ensombraram-lhe o triunfo, mas ofereceram-lhe matéria para uma nova obra. Esse convívio directo com a morte, enquanto no palco se estabelecem as marcações do próximo show e no "plateau" e na sala de montagem se estrutura um novo filme, será a base deste "All That Jazz", confronto arrogante, desafio provocatório à morte.

Não deixa de ser surpreendente e arrojada a concepção deste musical que faz da morte personagem. Bob Fosse queimando-se entre mulheres mal-amadas, fumo e bebidas, aguentando-se à tona da vida com cafés e comprimidos, pautando a existência pelo compasso de uma banda sonora bem batida, com apetência pelo excesso e total sofreguidão, é o protagonista desta desencantada confissão, onde a sinceridade e a ironia se misturam na hora da verdade.

Sabido como é que o musical americano é um espectáculo onde predomina a alegria, onde os momentos de comédia continuamente se sucedem, paradoxal parecerá que um cineasta transponha a morte para a cena e coreografe o seu próprio fim, oferecendo-o em espectáculo. Não será já tão estranha a ideia se essa apoteose final encerrar indícios de uma vitalidade indomável, de um apaixonado apego à vida, afirmando-se como ode gratificante ao prazer de viver e de adiar o fatídico encontro. Quando tiver de ser, que seja, mas que o seja em grande, em beleza, com o som e a fúria indispensáveis - que saiba morrer quem soube viver.

Na banda sonora de "All That Jazz" surgem vários temas orquestrados e dirigidos pelo compositor e maestro Ralph Burns, com vozes de George Benson, Sandahl Bergamn, Ben Vereen e do próprio Roy Scheider, na figura de Joe Gideon / Bob Fosse, que aqui compõe um dos seus melhores papéis, afirmando-se, não só como actor, mas também como cantor-bailarino.

Lauro António

**ALL THAT JAZZ: O ESPECTÁCULO VAI COMEÇAR** | Título original: All That Jazz | Realização: Bob Fosse (EUA, 1979)

**Argumento:** Robert Alan Aurthur, Bob Fosse; **Produção:** Robert Alan Aurthur, Wolfgang Glattes, Daniel Melnick, Kenneth Utt; **Música:** Ralph Burns; **Fotografia (cor):** Giuseppe Rotunno; **Montagem:** Alan Heim; **Coreografia:** Bob Fosse; **Casting:** Howard Feuer, Jeremy Ritzer; **Design de produção:** Philip Rosenberg; **Decoração:** Gary J. Brink, Edward Stewart; **Guarda-roupa:** Albert Wolsky; **Companhias de produção:** Columbia Pictures Corporation, Twentieth Century Fox Film Corporation; **Com:** Roy Scheider (Joe Gideon), Jessica Lange (Angelique), Leland Palmer (/Audrey Paris), Ann Reinking (Kate Jagger), Cliff Gorman (Davis Newman), Ben Vereen (O'Connor Flood), Erzsebet Foldi (Michelle), Michael Tolan (Dr. Ballinger), Max Wright (Joshua Penn), William LeMassena (Jonesy Hecht), Irene Kane (Leslie Perry), Deborah Geffner (Victoria), Kathryn Doby (Kathryn), Anthony (Paul Dann), Robert Hitt, David Margulies, Susan Brooks, Ben Masters, etc.; **Duração:** 123 minutos; **Distribuição em Portugal (Bluray):** Feel Films; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 19 de Setembro de 1980.

Concepção e texto: Lauro António. Coordenação: Frederico Corado. Edição: Município de Oeiras, 2025